



Acolhimento de Alunos Refugiados na Escola



ROSA SANTOS

Os alunos do Agrupamento de Escolas de Maximinos estão a acolher de "braços abertos" os 'novos' colegas refugiados da Guerra da Ucrânia

Jovens refugiados 'abraçados' nas escolas de Maximinos

A TIMIDEZ provocada pelo desconhecimento da Língua Portuguesa é ainda um factor de distância, mas o acolhimento que está a ser feito pelo Agrupamento de Maximinos é "total".

AGRUPAMENTO DE MAXIMINOS

| Marta Amaral Caldeira |

Já conhecida como uma verdadeira 'escola intercultural' e registando alunos imigrantes de 35 nacionalidades, o Agrupamento de Escolas de Maximinos e toda a comunidade escolar estão a fazer "tudo" para que os alunos ucranianos refugiados estejam a ter uma "integração plena".

A garantia é dada pelo director do agrupamento, Paulo Antunes, que apelou aos seus alunos e funcionários para que se evite, ao máximo, falar do conflito na Ucrânia. "A palavra 'guerra' não se usa aqui dentro", disse. Isto para que o acolhimento aos alunos ucranianos seja o mais longe possível da guerra e dos sentimentos mais negativos que esta convoca.

Logo à chegada, numa sessão organizada na EB 2,3 Frei Caetano Brandão, os alunos refugiados foram brindados com a declamação de um poema em ucraniano e em português aludindo a uma mensagem de Paz. "A nossa escola, como já está

preparada para receber alunos estrangeiros, dado que 20% da nossa população escolar são estrangeiros, de 35 nacionalidades, estas dinâmicas de integração e inclusão na comunidade escolar já são mecanizadas", referiu Paulo Antunes.

O maior dos apoios nesta primeira fase de acolhimento está a ser dado precisamente ao nível da aprendizagem da Língua Portuguesa.

Na sequência do acolhimento de alunos refugiados em seio escolar, o Agrupamento de Maxi-



"O domínio da língua é essencial para a comunicação, mas logicamente estaremos sempre atentos, tantos os professores-tutores, à forma como estes alunos se sentem".

Paulo Antunes
Director do Agrupamento de Escolas de Maximinos

minos "duplicou" o crédito de horas dedicado à leccionação do Português. O director explica que fez também "um esforço" com a atribuição de horas a professores de Português e a professores-tutores "no sentido de acompanhar estes alunos para que a sua integração seja mais rápida e mais eficaz".

"Actualmente temos dedicados aos alunos ucranianos refugiados 1100 minutos (22 horas no total no Agrupamento de Maximinos). Os alunos estão a ter aulas de 'Português - Língua Não Materna' (PLNM) e aulas de 'Português'.

Mas além da aprendizagem da Língua Portuguesa, o director do Agrupamento de Maximinos indica mais dois pilares fundamentais na inclusão dos alunos na comunidade escolar: "a estabilidade emocional e a socialização para conseguirmos uma plena integração".

"O domínio da língua é essencial para a comunicação, mas logicamente estaremos sempre atentos, tantos os professores, como os professores-tutores, à

forma como estes alunos se sentem, não só na questão académica, mas também no seu dia-a-dia e, por isso, nós disponibilizamos ainda o serviço de psicologia e educação social para intervir sempre que soar um S.O.S.", sublinhou.

Elisa Vieira, coordenadora do PLNM do 1.º Ciclo ao Secundário no Agrupamento de Maximinos, indica que "os alunos ucranianos que nos têm chegado à escola vêm através de instituições e em situação de grande fragilidade e vulnerabilidade e a



"Na sua generalidade, os alunos ucranianos dominam o Inglês - o que ajuda bastante à aprendizagem pois a língua inglesa é o nosso elo de comunicação".

Elisa Vieira
Coordenadora de Português - Língua Não Materna no Agrupamento de Maximinos

+ mais

O Agrupamento de Escolas de Maximinos, actualmente liderado por Paulo Antunes, é hoje a 'casa' de alunos ucranianos fugidos da guerra. Habituada já a acolher alunos de várias nacionalidades e afirmando-se como uma verdadeira 'escola intercultural', a comunidade escolar de Maximinos abre, agora, os braços aos alunos ucranianos que estão a chegar à cidade de Braga, tentando que a sua integração seja o "mais plena e rápida possível". Os alunos do Agrupamento de Escolas de Maximinos dizem sentir "a dor" dos jovens ucranianos refugiados e estes destacam a "liberdade", "segurança" e "tranquilidade" que se respira em Portugal.

precisar de todo o tipo de ajuda. A escola mobilizou-se também para os acolher da melhor forma possível e ajudar à sua integração, nomeadamente ao nível linguístico".

A professora esclarece que os alunos ucranianos refugiados "foram integrados em turma, têm apoios e estão a ter um currículo específico para se dedicarem mais à aprendizagem do Português, pois neste momento estão no grau zero", apontou.

"Na sua generalidade, os alunos ucranianos dominam o 'Inglês' - o que ajuda bastante à aprendizagem pois a língua inglesa é o nosso elo de comunicação", frisou Elisa Vieira, indicando que, neste momento, "estão a aprender as bases da Língua Portuguesa para se poderem desenrascar no dia-a-dia e poderem ter uma 'vida normal' aqui em Portugal".

"Nós tentamos fazer o nosso melhor e estamos sempre de braços abertos para os alunos que imigram para o nosso país e para a região para que tenham o melhor acolhimento possível".



Acolhimento de Alunos Refugiados na Escola

Alunos ucranianos já sonham com “futuro livre” em Portugal

É EM LIBERDADE que querem viver os jovens ucranianos refugiados que têm chegado a Braga. Ao jornal ‘Correio do Minho’ confidenciaram que já sonham com um futuro em Portugal em Paz.

AGRUPAMENTO DE MAXIMINOS

| Marta Amaral Caldeira |

Aos 16 anos, Oleh Kovaliuckh, natural de Kahrkiv, Ucrânia, tenista profissional, é um dos jovens estudantes que já está integrado na Escola Secundária de Maximinos. Os pais, ambos médicos, estavam precisamente em Braga, a participar no European Master Athletics Championships Indoor - EMACI 2002, realizado entre os passados dias 20 e 27 de Fevereiro, no Altice Forum Braga, quando a Guerra na Ucrânia eclodiu. A mando dos pais, deixou a Ucrânia sozinho para rumar a Portugal.

Oleh tinha ficado a cargo dos avós, mas com o início dos bombardeamentos, os pais, que já não saíam de Braga, pediram-lhe que abandonasse a cidade de Kahrkiv e se encaminhasse para a fronteira da Polónia, com o objectivo de ser resgatado por uma comitiva portuguesa. Pôs-se em fuga numa viagem deambulante que durou cerca de duas semanas, mas os avós, com problemas de saúde, ficaram por lá.

O jovem ucraniano conta que fala todos os dias com os avós para se assegurar que estes se mantêm em segurança e diz que lhe é impossível não acompanhar permanentemente a guerra instalada no seu país, confessando que “é muito difícil assistir à destruição que está a acontecer”. Confessa que sempre que vê as notícias fica “assustado”, mas precisa de continuar a ver.

De Portugal, Oleh, diz ter já uma “bonita imagem”, destacando o facto de ser um país “extremamente acolhedor” e “ótimo para viver”, sobretudo, pela tranquilidade e pela possibilidade de liberdade. “Em Portugal sou um jovem livre. Sou um jovem livre num país de liberdade”.

Sendo já um grande desportista, Oleh tem o sonho de se tornar advogado um dia mais tarde. Apesar de estar em Portugal há pouco tempo e com poucos dias de escola, já sabe pronunciar al-



ROSA SANTOS

Os jovens ucranianos dizem que “Braga é uma cidade bonita” e querem conhecer o Bom Jesus



“Em Portugal sou um jovem livre. Aqui sou um jovem livre num país de liberdade”.

Oleh Kovaliuckh,
Jovem aluno ucraniano integrado
no Agrupamentos de Escolas
de Maximinos

gumas palavras e expressões em português. “Sei dizer ‘bom dia’, ‘boa tarde’, ‘olá amigo como estás?’ e ‘obrigado’.

Na Escola Secundária de Maximinos, Oleh estava acompanhado por outro compatriota, o jovem Nikita, 15 anos, de Mikolaev, entre Odessa e Kmersun. Fugiu da Guerra da Ucrânia apenas com a mãe e com pouquíssimos bens. Foi resgatado num dos autocarros enviados por Braga à fronteira da Polónia.

Mais reservado e visivelmente muito triste com tudo o que se está a passar na sua terra natal, Nikita confessa já estar a gostar da cidade de Braga, onde espera por um futuro promissor enquanto *designer* de interiores. No dia da reportagem levou para casa um dos computadores portáteis disponibilizados pela escola a partir do ‘banco’ que criou com a oferta do Município de



ROSA SANTOS

O ambiente na sala de aula é acolhedor e os ‘novos’ alunos estão a integrar-se muito bem

Braga para suprir as necessidades dos alunos na pandemia.

Idalina Pereira, professora de ‘Português’, refere que a comunicação com os alunos ucranianos é feita basicamente em ‘Inglês’.

“Há poucos dias ganhei mais quatro alunos, entre os 11 e os 15 anos, e julgo que eles se sentem felizes aqui na escola. “Eles têm é uma grande ânsia em aprender e eu procuro acompa-

nhá-los também nas minhas aulas, propondo-lhes actividades diferentes, por exemplo, com vídeos e não só, e tento estar com eles para que eles vão aprendendo um pouco mais da ‘Língua Portuguesa’”. “Eles aprendem muito rapidamente e até inexplicavelmente conseguem pronunciar muito bem o ‘Português’, como, por exemplo, palavras nasais como ‘pão’ e ‘cão’”, elogiou a docente.

Missão humanitária Colegas de alunos refugiados partilham dor e dão todo o apoio

Os alunos do Agrupamento de Escolas de Maximinos garantem que estão a dar todo o apoio possível aos colegas refugiados ucranianos que já estão a ser integrados na escola, acompanhando-os quer nas aulas, quer no recreio durante os intervalos, convidando-os, por exemplo, para um jogo de basquetebol. Ao ‘Correio do Minho’ indicam que partilham da sua dor e mostram-se totalmente avessos à guerra em geral, mas principalmente contra o facto de Putin, o presidente da Rússia, ter ordenado a invasão da Ucrânia.

Diana Yadlos, de 17 anos, é luso-ucraniana, nascida já em Portugal. Por estes dias, na Secundária de Maximinos, tornou-se numa ‘profissional de tradução’, ajudando no acolhimento dos alunos refugiados. Conta que sente “uma grande angústia” ao ver o país dos seus pais estar a ser “destruído”. A família que ainda tem e que visita nas ‘Férias de Verão’ é de Lviv e por cá os pais estão sempre ligados à TV. “Para mim é tudo muito triste e uma grande injustiça e eu tento ajudar como posso aqui na escola”.

Rodrigo Vieira, 16 anos, 10.º ano, tem dois colegas ucranianos que fugiram da guerra. “Assim que chegaram à turma começaram a integrar-se muito facilmente, falamos em ‘Inglês’ com eles e também temos a ajuda do professor de Educação Física - Rito - que fala russo e que consegue também apoiá-los”. “Nós tentamos, acima de tudo, mostrar que somos um país seguro e eles próprios dizem que sentem isso”. “Nós, jovens portugueses, estamos preocupados tanto com a situação dos ucranianos como dos russos, uns porque estão a sofrer com a invasão e outros porque são praticamente da nossa idade e estão a ser mandados para a linha da frente no combate”.

Bryan Fernandes, 15 anos, 9.º ano, assinala que esta é uma guerra “miserável e de perdas”. “É uma tristeza e algo que não devia acontecer”.